

# **A produção bibliográfica sobre História da América no Brasil, nas duas últimas décadas do século XX.**

Heloisa Jochims Reichel

Uma das razões que motivou os professores de História da América de algumas universidades brasileiras a se reunir, em fevereiro de 1992, para dar o pontapé inicial à ANPHLAC foi a escassa oferta de obras publicadas no Brasil, relativas ao conteúdo da disciplina. A esta dificuldade, associava-se o reduzido, quando não ainda desatualizado, acervo das bibliotecas universitárias. Era comum, assim, que, nos cursos de graduação em História, principalmente no de universidades mais distantes dos principais centros culturais do país ou nos de recente criação, a temática latino-americana fosse ensinada através de uma bibliografia defasada, escassa e limitada. A pesquisa, por sua vez, também era restrita não apenas pela falta de acesso à documentação, mas pela própria dificuldade de se poder avaliar o estado geral da arte e, dessa maneira, problematizar temáticas relativas à história da América.

De uma maneira geral, os professores responsáveis pela disciplina formavam sua biblioteca com livros estrangeiros, os quais, freqüentemente, disponibilizavam a seus alunos. Difundia-se, então, o saber em âmbito restrito, limitado aos privilegiados que eram alunos deste ou daquele professor, desta ou daquela instituição melhor localizada ou equipada em sua biblioteca.

Tendo consciência destas limitações impostas ao ensino e à pesquisa em História da América, os fundadores da ANPHLAC, no Encontro de Ouro Preto, decidiram que dentre os objetivos da associação, estariam os de estimular a publicação de obras referentes à disciplina, no Brasil, divulgar as publicações recentes entre os associados mesmo que estrangeiras, e trabalhar no sentido de aumentar e atualizar o acervo das bibliotecas das universidades.

Passada quase uma década de atuação, cabe fazermos uma re-avaliação do quadro acima exposto, identificando os avanços alcançados, principalmente no que diz respeito ao primeiro dos objetivos citados e os problemas que ainda permanecem ou que surgiram na esteira da intensa transformação historiográfica que vivemos. Delimitamos nossa análise às duas últimas décadas por vários motivos, dentre eles a possibilidade de acesso a levantamentos de publicações por editoras e por área de conhecimento, a proximidade com o período de fundação da Anphlac e, principalmente, o crescimento significativo apresentado pela produção historiográfica brasileira neste período.

Focalizando os avanços alcançados no quadro das publicações, a primeira constatação diz respeito a uma alteração de ordem qualitativa mais do que quantitativa. Se retrocedermos às décadas de sessenta e setenta, verificamos que a maior parte das obras

produzidas e publicadas no Brasil sobre América Latina era de autoria de sociólogos, cientistas políticos ou economistas. Nesse sentido, as editoras publicaram um bom número de obras do sociólogo Octavio Ianni, do cientista político Fernando Henrique Cardoso e do economista Celso Furtado que tratavam da temática do desenvolvimento/subdesenvolvimento latino-americano. Dentre os historiadores, talvez apenas a obra de Ciro Cardoso e Hector Brignolli, *História econômica da América Latina*, mereça ser destacada.

A partir da década de oitenta, este quadro apresentou uma nova configuração, sendo que, nela, destaca-se o crescimento da produção historiográfica realizada por historiadores. Este fato deveu-se a dois fatores que se inter-relacionam, ou sejam: a profissionalização do historiador e o avanço da pesquisa no Brasil, fomentado pela implementação do Programa de Pós-Graduação no Brasil. Sobre eles, não vamos nos deter, pois, no que se refere à pesquisa, o tema foi bem analisado nas palavras da professora Maria Ligia Prado e, sobre a profissionalização, ela é, em grande parte, decorrente da valorização, para a contratação de docentes de História nas universidades públicas e privadas no Brasil, da titulação de nível de pós-graduação com curso na área de História. O certo é que, nos últimos anos, temos verificado um aumento significativo da edição de obras, de autoria de estudiosos e pesquisadores brasileiros, relativas à história da América. As editoras abriram espaço para a publicação de algumas teses e resultados de pesquisa que versam sobre a matéria, de livros que reúnem artigos de autores variados ou de um mesmo autor e, inclusive, de fontes para a produção historiográfica.

Talvez mais importante ainda, para o crescimento das publicações em história em geral, tanto quanto em história da América Latina em especial, tem sido o grande número de revistas acadêmicas, editadas pelos programas de pós-graduação. Os periódicos se constituem, atualmente, no mais importante canal de divulgação da produção acadêmica que vem se realizando sobre a temática latino-americana no Brasil.

No caminho aberto pela produção dos historiadores brasileiros, o interesse por temas e autores latino-americanos vem se fortalecendo no Brasil. Os próprios pesquisadores apresentaram, inicialmente ao seu público e, posteriormente, às editoras, obras clássicas e recentes, de autores de outros países, para serem publicadas. Com tudo isso, assistimos a uma crescente oferta de títulos sobre a América Latina no mercado editorial brasileiro das últimas décadas.

Nesta avaliação, entretanto, devem ser referidos alguns problemas que a publicação sobre temas relativos à história da América ainda enfrenta.

O primeiro deles diz respeito ao reduzido tamanho da mesma, se comparada com as demais sub-áreas da História, principalmente com os títulos referentes à história do Brasil. Apenas como exemplo, citamos o levantamento realizado por Fico e Polito no livro *A história no Brasil (1980-1989)* (UFOP, 1994), no qual apenas cerca de 10% das obras citadas vinculam-se a estudos latino-americanos. A maior parte das publicações ainda se constituem de artigos elaborados por pesquisadores que encontram, nas revistas acadêmicas e científicas, espaço para sua produção. Considerando este fator, temos que esta produção circula ainda em âmbitos restritos, de preferência acadêmicos, tendo dificuldade de se difundir a um público importante e maior que é o leigo ou, principalmente, àquele composto por docentes dos ensinos fundamental e médio. E,

parte como consequência disso, vemos, nos dias de hoje, a re-introdução de profissionais de outras áreas no mercado da produção e publicação historiográficas. Agora não são mais os cientistas sociais, mas principalmente os jornalistas que, com um texto dinâmico e atraente, têm atendido à demanda existente.

No que se refere à publicação bibliográfica, outro problema ainda se impõe. É o que podemos chamar de *publicação defasada*. No Brasil, as obras de autores estrangeiros são publicadas com grande atraso. Expressão desta característica, encontramos na publicação da coleção *Cambridge de História da América* (organizada por Leslie Bethel), cujos 10 primeiros volumes (hoje se estende até o número 14) foram publicados em inglês em 1984, em espanhol em 1992 e apenas há cerca de dois anos começaram a ser traduzidos e editados no Brasil.

Outros problemas podem ser ainda mencionados, alguns já anteriormente evidenciados, outros novos. Dentre os remanescentes, temos a presença dominante das histórias nacionais trabalhadas como unidades autônomas, o que dificulta uma compreensão e percepção da América Latina além de um mero espaço delimitado pela geografia física. Há, também, a predominância de edições de obras que guardam estreita relação, temática e de ano de publicação, com as chamadas *comemorações*. Assim, no período aqui focalizado, tivemos um grande número de publicações que ocorreram motivadas e por ocasião dos festejos do V Centenário do Descobrimento da América.

Uma característica nova que identificamos é a da fragmentação. Seguindo as tendências da produção historiográfica recente, os temas, os objetos, os períodos, os espaços tenderam mais ao micro do que ao macro. As análises das grandes estruturas generalizantes das décadas anteriores cederam lugar aos estudos mais delimitados e detalhados. Assim, encontramos um grande número de publicações que estudam a mulher, a família, a cultura popular, ou a violência, os jogos do poder, a literatura de viagem, apenas para citar alguns exemplos em termos de objetos e temas respectivamente. Estes estudos, por sua vez, não mais têm o objetivo de pensar a América Latina como unidade. Restringem-se a um espaço (localidade, região, cidade etc.) ou a um período geralmente reduzido. Mesmo assim as obras que, de maneira geral, têm reunido vários autores, de vários países ou regiões da América Latina têm contribuído, sem dúvida, para uma melhor compreensão da América Latina.